

De abelhas e de homens

Quis o destino que o Brasil fosse governado por homens que apreciam o trabalho dos himenópteros e, de um jeito ou de outro, encontraram maneiras de colocar os laboriosos insetos em metáforas exemplares. Um se celebrou com os *Marimbondos de Fogo*, mas não conseguiu imprimir à sua administração os traços de firmeza que os tempos exigiam. Eram marimbondos sem ferrão. O outro acaba de dizer que a abelha pica e vacina, não importando as ferroadas subseqüentes. Como entomologista, tem o mesmo valor que reconhece ter como sociólogo diante das transformações das finanças. Insista em ser picado em abundância o apicultor Fernando Henrique Cardoso, que terá de ser conduzido às pressas ao pronto-socorro. Se a metáfora usada pelo presidente da República em discurso a líderes rurais não pode ser levada ao pé da letra, muito menos vale em sentido figurado, porque o vespeiro que cutucou com vara curta não é apenas o da oposição ideológica às reformas que o País reclama. São muitos os vespeiros e os zangões mais violentos são os que circulam em torno da abelha-rainha sem ser por ela contemplados com uma lambida de própolis.

Presidente da República não deveria fazer discursos de improviso não preparados de antemão... No palanque, a palavra acalorada tem o destino do fogo fátuo: impressiona mas não deixa vestígio. Já nos salões do Planalto as im-

propriedades de ênfase, se encontram o apoio de sorrisos aduladores, acham também o caminho do papel pelas mãos dos taquígrafos. E aquilo que deveria durar um momento, a fala feita para entusiasmar e motivar, se transforma em rota sinalizada para assessores e observadores, aliados e adversários.

O sr. Fernando Henrique Cardoso, malgrado tantos anos de cátedra e de tribuna, é particularmente infeliz no improviso. Não que se exigissem dele as qualidades de um Mangabeira ou de um Churchill. Não é questão apenas de estilo, mas do pensamento que não se completa ou, quando o faz, suscita dúvidas sobre o que pensa o presidente da República e o que deseja o governo. Como candidato, S. Exa. apresentou um programa centrado em reformas, cujo sentido foi explicitado. Para que tal programa se concretizasse, o eleitorado preferiu o sr. Fernando Henrique Cardoso ao candidato do PT.

Agora, porém, vem o presidente, na rapidez do improviso, dizer que foi eleito para fazer reformas e vai fazer reformas, mas isso não quer dizer que o ponto de vista do governo deva ser um "rolo compressor". Ora, o sentido geral das reformas está dado desde antes do primeiro turno que liquidou as eleições presiden-



ciais. Nenhum dos eleitores do sr. Fernando Henrique Cardoso teve, sobre as reformas, as dúvidas que ele parece ter agora. Ele não foi guindado à maior magistratura para realizar qualquer reforma ou uma reforma qualquer. O povo o fez presidente da República porque acreditou no compromisso que ele assumiu ao pedir para chefiar o Executivo.

Dizem que estas são dúvidas próprias de um acadêmico. Mas o sr. Fernando Henrique Cardoso não é professor há longos anos.

Desde que entrou na política partidária e enfrentou as alegrias e decepções das urnas, conhece na prática o que aprendeu nos livros: que a arte de governar exige decisões e estas decorrem das convicções, e não das dúvidas. Ora, este é um governo de tantas dúvidas e tão poucas convicções que nele não há uma área sequer que não esteja, ou tenha estado, em conflito com o que se supõe seja a política oficial. Desencontros dentro da área econômica, fricções entre ministros que cuidam do dinheiro e ministros que cuidam da área social, deficiências flagrantes na elaboração das propostas legislativas e desarticulação política são agora coroadas, por acidente cronológico, por ministros que discordam publicamente dos termos de emenda constitucional enviada pelo

presidente ao Congresso. Ora, se o presidente se sente livre para declarar que quer reformar, mas não sabe que reformas quer, por que seus auxiliares deveriam cerrar fila atrás dele?

O sr. Fernando Henrique Cardoso, no entanto, não vacila em afirmar, certamente devido às metafóricas picadas de abelhas (que na vida real produzem febre): "Eu não vou fugir da raia em nenhuma matéria, nenhuma matéria". Infelizmente, a seguir veio o complemento ant-

climático: "Não tenho nenhuma razão para fugir da raia, desde que nós não fuçamos". Cáspite! O líder da nação, o homem que mexe em vespeiros, impõe como condição para a briga que todos

Não foi para fazer "qualquer" reforma que FHC se elegeu, e sim a do compromisso original

continuem a seu lado. Estranho método de liderança e processo ainda mais abstruso de mobilização. As personalidades mais individualistas encontram o momento em que pedem que não se as deixes. O presidente Fernando Henrique Cardoso tem, como se sabe, qualidades gregárias. Mas mesmo nas mais gregárias das sociedades sempre há um indivíduo que lidera, arca sob o peso da solidão quando decide e apara as conseqüências das escolhas que fez. É assim com as abelhas. É assim com os homens.